



Rosana Maria de Sousa Rebouças

Psicóloga, psicodramatista didata e supervisora pela Associação Bahiana de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo (ASBAP) Salvador-Bahia.

141

A TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO DE IMAGEM COM TECIDOS NO PSICODRAMA COM PÚBERES

*Sou eu que vou ser seu amigo
Vou lhe dar abrigo
Se você quiser
Quando surgirem seus primeiros raios de mulher
A vida se abrirá num feroz carrossel
E você vai rasgar meu papel
O que está escrito em mim
Comigo ficará guardado
Se lhe dá prazer'
A vida segue sempre em frente
O que se há de fazer ?*

(TOQUINHO, MUTINHO, O CADERNO, In: **Casa de Brinquedos**, 1983)

RESUMO

Este trabalho propõe abordar a técnica de construção de imagem com tecidos proposta por Jaime G. Rojas-Bermúdez no psicodrama com púberes.

A experiência clínica foi tomada como meio para avaliar esse tipo de intervenção. Entre os recursos literários pesquisados não foram encontradas referências ao uso da técnica na puberdade.



Foram retomadas algumas considerações sobre a puberdade, trazendo essa concepção à luz da “Teoria do Núcleo do Eu”. Outros autores aparecem transversalmente para fundamentar aspectos do desenvolvimento humano típico desse estágio, em seguida, são apresentadas a técnica de construção de imagens e sua fundamentação teórica, buscando fazer uma conexão com a puberdade e conclui-se com a ilustração clínica e seus resultados, abordando aspectos favoráveis e desfavoráveis dessa forma de intervenção com esse tipo de cliente.

PALAVRAS-CHAVE

Puberdade, psicodrama, psicoterapia, imagem.

ABSTRACT

This paper explores the technique of image-making using fabrics, as proposed by Jaime G. Rojas-Bermúdez for Psychodrama work with pubescent.

This form of intervention has been evaluated through the means of clinical experience. There were no references found in the researched literature with regards to the use of this technique in puberty.

I will re-visit puberty in light on Bermudez’s ‘Nucleus of the I’ theory. I will also make references to other authors in order to better understand aspects of the human development that are typical to this phase. Following this I introduce the technique of image-making and its theoretical background, trying to link this to puberty. Finally, I will illustrate the use of this technique through a clinical example, looking at the advantages and disadvantages of this intervention with this particular client group.

KEYWORDS

Puberty, psychodrama, psychotherapy, image.

INTRODUÇÃO

A palavra “puberdade” vem do latim: *púbis*, que significa penugem, pelo. O dicionário Houaiss (2009) define a puberdade como “período de transição entre a infância e a adolescência, no qual ocorre o desenvolvimento dos caracteres sexuais secundários e a aceleração do crescimento, levando ao início das funções reprodutivas”.



Para o psiquiatra e psicodramatista Içami Tiba (1986), puberdade é o período que se interpõe entre a infância e a adolescência e anuncia a chegada dela, compreende os períodos de 9 a 12 anos em meninas e 10 a 13 anos em meninos. Nessa época significativas mudanças filogeneticamente programadas ocorrem nas esferas fisiológicas, psíquicas, corporais e sociais. Para David Levisky (1998), a puberdade é um processo decorrente de transformações fisiológicas, enquanto a adolescência é um processo psicossocial.

Esse conceito carece de discussão, uma vez que definir é estabelecer a extensão e os limites de alguma coisa. No entanto, é importante ressaltar dois aspectos: o primeiro é que, embora estejam relacionadas com transformações biológicas, tanto a puberdade quanto a adolescência têm seus contornos definidos também pela cultura. E, segundo, é necessário levar em conta fenômenos como a puberdade precoce¹ que não devem ser considerados como prenúncio da adolescência propriamente dita, dada a complexidade tanto fisiológica quanto psicoafetiva em crianças abaixo de oito anos.

O presente estudo considerou critério relevante para definir a puberdade o estado de confusão e incoerência entre o que lhe era conhecido e familiar (a infância, o corpo infantil, seus papéis sociais na família, na escola e em outros grupos) e a mudança pubertária a que estavam submetidos os sujeitos.

Segundo o referencial teórico de Rojas Bermúdez (1997), as vivências corporais, mentais e sociais (ambiente) sofrem as influências dessa etapa da vida e, através do esquema de papéis, promovem relações de novas trocas com o meio.

No corpo, as mudanças cenestésicas marcantes interferem no esquema corporal tornando essa área uma zona de tensão, ou seja, a criança passa a sentir-se estranha, não apenas na forma, mas, nas sensações pelas quais é inundada, estímulos advindos de mudanças endócrinas, impulsos sexuais e agressivos até então desconhecidos passam a alterar a sensopercepção.

NOTA:

1. Estudos recentes mostram que existem variações entre a idade de início da puberdade precoce. As populações estudadas revelam uma variação entre 6 e 8 anos. Para a endocrinologia, porém, o critério relevante está na velocidade com que os caracteres sexuais secundários se manifestam. (CASTRO)



Ao iniciar a puberdade, acontecem modificações na identidade, a busca de uma imagem própria não acontece de uma vez, pois as pautas de comportamento da infância ainda presentes permitem retrocessos a estas e avanços até as novas pautas requeridas pelas mudanças da puberdade, os jogos infantis dão espaço a jogos erotizados, como a “paquera” e o “ficar”. Inicia-se um período de confrontação com os adultos.

No espaço mental mudanças sutis ocorrem: as emoções interferem na vida cognitiva (área/mente) e vice-versa. O pensamento abstrato, a introspecção e a reflexão ganham espaço juntamente com o raciocínio crítico, a capacidade de interpretação e de julgamento. Segundo Piaget (1994), após os 11, 12 anos, o pensamento formal torna-se possível, o pensamento lógico deixa a manipulação concreta e passa para o plano das ideias comunicadas pela linguagem. O pensamento é “hipotético-dedutivo”, o sujeito consegue teorizar sobre o mundo, essa nova forma de pensamento envolve muito trabalho mental.

O ambiente não é percebido e sentido como no universo infantil, a ação do sujeito sobre este e vice-versa produz modificações que possibilitam a vivência de experiências novas, pois, nessa etapa que inaugura a adolescência o uso da autonomia e da independência é cada vez mais requerido. A entrada na 5ª e na 6ª séries marca a mudança na vida escolar, que demanda maiores responsabilidades e na qual intensificam-se os trabalhos em grupo na escola.

Moyano (2006) destaca alguns aspectos na estruturação do “núcleo do eu” relevantes para o processo de socialização e importantes para a compreensão da entrada da criança nessa fase do desenvolvimento em que as demandas sociais se intensificam e põem-na em contato com grupos diversos (área ambiente).

A DEAMBULAÇÃO

Inicia-se na estruturação do papel de defecador com o engatinhar. Culmina com a posição bípede e o caminhar quando a criança começa a integrar seu corpo à força da gravidade durante a estruturação do papel de urinador. Nesta etapa a criança explora o espaço, a atitude da mãe e/ou cuidadores e o clima afetivo que envolve essas relações pode possibilitar ou não a autonomia da criança em relação ao seu interesse e à exploração do ambiente.



O EU INCIPIENTE

As experiências desta etapa marcam, a partir do controle esfíncteriano, as possibilidades de oposição, controle, prazer, desprazer, exercitando sua vontade através do controle do esfíncter. Ao controle dos esfíncteres, tanto anal quanto vesical, estão relacionados conteúdos da percepção da sua vida interna, ou seja, como o entorno significativo representado pela rede socioafetiva, e em especial a relação mãe-bebê, lida com esses conteúdos. O conteúdo fecal relaciona-se diretamente com as manifestações sociais em torno deste, ao passo que a urina relaciona-se com o prazer pessoal. Ambos estão ligados à possibilidade de como se mostrar ao mundo. As fezes são produções que têm forma, cheiro, cor, conteúdos do que foi ingerido e são representantes simbólicas de suas produções sociais, pessoais etc. A forma como o ambiente reage a estas dá origem a emoções, sentimentos vividos subjetivamente pela criança, em especial na relação mãe-bebê, e com a rede relacional que a envolve. Enquanto as posses do eu vão sendo discriminadas e o processo de dependência diminui o eu se enriquece e inicia-se a triangulação. A vivência da triangulação envolve singulares experiências socioafetivas que têm significado subjetivo para cada criança, suas vicissitudes proporcionam as condições que embasam as futuras relações, porta que se abre para a entrada no social.

A ESTRUTURAÇÃO DO EU E DOS PAPÉIS SOCIAIS

A estruturação do eu e dos papéis sociais leva a criança para fora do meio familiar e a põe em novas redes relacionais (escola, grupos de amigos etc.) e demandas sociais diversas requerem pautas novas de comportamento. Os modelos relacionais vivenciados na matriz de identidade, *locus* primordial de aprendizagem afetiva, constituem a bagagem subjetiva que o indivíduo leva para os novos grupos. Por exemplo: pode sentir o ambiente como ameaçador, acolhedor, perigoso, confiável, pode sentir-se aceito, excluído, desconfiado, assustado etc.

A TÉCNICA DE CONSTRUÇÃO DE IMAGENS COM TECIDOS DESESTRUTURADOS DE ROJAS-BERMÚDEZ

A definição do termo “imagem”, segundo o dicionário Houaiss (2009), vem do latim: “ímagō, ‘imagem, representação, retrato (pictórico, escultórico, plástico, verbal); representação de uma pessoa (ger. o pai,



a mãe ou alguém querido) formada no inconsciente durante a infância e conservada de forma idealizada na idade adulta, segundo as teorias de C. G. Jung.”

Khouri e Machado (2008) reportam-se a Laplanche e Pontalis, ao definir o termo *imago* para a psicanálise, que em muito se assemelha ao conceito de matriz de identidade de J. L. Moreno:

[...] protótipo inconsciente de personagens que orienta de preferência a forma como o indivíduo apreende o outro; é elaborada a partir das primeiras relações intersubjetivas reais e fantasmáticas do meio familiar. [...] vê-se nela ao invés de uma imagem um esquema imaginário adquirido, um clichê estático através do qual o indivíduo visa o outro. *A imagem pode*, portanto *objetivar-se*, quer em sentimentos e comportamentos, quer em imagens. (grifos dos autores).

A “Técnica de Construção de Imagens” foi criada pelo psiquiatra e psicodramatista colombiano J. G. Rojas-Bermúdez, na década de 1960, baseado em estudos da neurociência sobre a imagem mental. A escola de Rojas-Bermúdez baseia-se na construção de imagens como uma das vias metodológicas fundamentais (metodologia forma/conteúdo). Sua utilização está baseada na ideia de que a atividade mental funciona através de imagens.

O surgimento da técnica está relacionado com questões levantadas por Bermúdez, a partir do psicodrama clássico, da ideia de catarse e da intervenção pela dramatização. Para esse autor, as lacunas deixadas por essa forma de intervenção (a dramatização) o conduziram à metodologia forma/conteúdo (KHOURI e MACHADO, 2008, p. 89) e à criação da técnica como forma de intervenção que possibilita a expressão de conteúdos simbólicos, dos quais o homem, animal semiótico, é o único herdeiro na espécie animal.

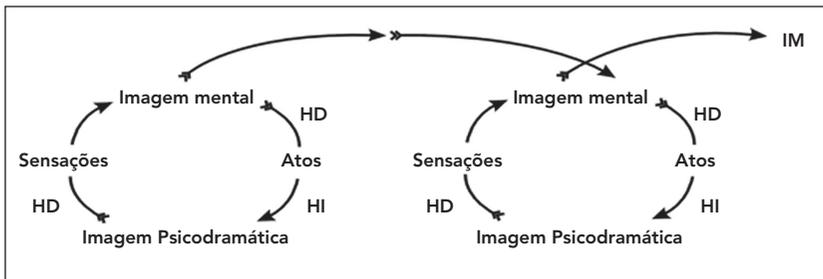
A construção de imagens é uma forma criada pelo paciente e mostra como este apreende a realidade interna, é patrimônio de quem a produz e deve ser respeitada sem nenhuma interferência do psicodramatista; a imagem tem conteúdo próprio, que apenas o protagonista pode interpretar. Através da construção de imagens, é possível ao paciente objetivar seus conteúdos internos e observá-los de fora, o que produz efetivamente a compreensão sobre sua subjetividade e possibilita conexões e produção de sentidos e significados.



Bermúdez (1999, p. 13) esclarece:

Esta técnica favorece objetivar partes do mundo interno do indivíduo, ao mesmo tempo dá lugar ao fenômeno de “re-aferência”², que desencaderna novas reações e experiências com relação ao material apresentado e também são frequentes respostas emocionais que se originam dessa mobilização interna.

O fenômeno da re-aferência mencionado por Bermúdez é a possibilidade de a imagem ser modificada pelo sujeito, tanto no cenário com o desdobramento em outras imagens quanto em nível cerebral, ou seja, essa forma de intervenção, experiência psicoterapêutica, mobiliza no sujeito aprofundamento de conteúdos, e a nova elaboração mental modifica os circuitos cerebrais. O gráfico que se segue ilustra esse conceito.



(Fonte: KHOURI, G e MACHADO M. L, 2008, p. 100).

Os registros de imagens produzidas pelo hemisfério direito (HD) podem ser acessados através da técnica de construção de imagens, ao construir as imagens psicodramáticas o paciente não possui códigos específicos aprendidos previamente, como as palavras, por exemplo, então, necessita concentrar-se com atenção e refletir nas próprias imagens mentais e, daí, elaborar uma forma através da qual seja possível transmitir a informação.

O protagonista pode observar a imagem de fora do cenário, tomar o lugar dela e experimentar sensações evocadas pela postura corporal

NOTA:

2. Não encontramos nenhuma palavra em português para traduzir o termo, porém, o Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) define o termo **aferência** como derivado de “**aferente** que conduz, que traz; fisiologia.: que conduz um impulso a um centro nervoso (diz-se de fibra nervosa sensível); fisiologia: que leva da periferia para um órgão ou até a parte interior (diz-se de vaso ou nervo)”.



assumida, o diretor pode intervir já de partida, pode iniciar uma dramatização. Ao vivenciá-las, acontece a integração do motor com o visual, que possibilita a reorganização de conteúdos mentais que o paciente comunica com a palavra. Possibilidades diversas favorecem o protagonista a fazer a re-aferência da imagem: ao fazer ajustes na imagem (IM) observando-a de fora, poderá perceber os equivalentes de seus registros de imagens mentais, o que promove a integração inter-hemisférica. O acesso aos conteúdos do paciente através de imagens é livre de controle social, diferentemente da linguagem falada, as palavras elaboradas de forma linear e ordenada estão submetidas ao controle da cultura (HI)³.

A imagem é linguagem metafórica, expressão simbólica que permite a compreensão do mundo apreendido pelo indivíduo, não se trata de um esboço da realidade, mas, do resultado de processos dinâmicos vivenciados pelo paciente. É a expressão da sua realidade psíquica.

Foram as observações clínicas de Bermúdez (1997) sobre o comportamento de um paciente psiquiátrico, ensimesmado, com o qual conseguiu comunicar-se através de pedaços grandes de tecido, sugeridos experimentalmente, que o conduziram à construção da técnica. Depois de tentativas comunicacionais com títeres terem fracassado, Bermúdez utilizou experimentalmente tecidos como meio de comunicação e observou que o referido paciente desfazia os tecidos em tiras e as utilizava para se comunicar construindo formas.

Essas observações de Bermúdez (1997) o conduziram a compreender que os tecidos passaram de Objeto Intermediário para Objeto Intraintermediário, ou seja, utilizado inicialmente como meio de comunicação com o entorno, surge como forma em que o eu divide a atenção, em uma parte que presta atenção a si mesmo e em outra que presta atenção ao objeto, dessa forma, diminui a vigilância egoica sobre seus conteúdos e a produção deslocada para o objeto, títere, tecido etc. torna-se mais espontânea. Bermúdez coloca que a técnica com tecidos é um catalizador egoico, e ainda um facilitador de expressão, que, utilizado pelo próprio protagonista, estabelece comunicação consigo mesmo e secundariamente com os outros.

A partir daí os tecidos começaram a ser utilizados para os pacientes expressarem seus sentimentos e suas emoções e, desde então, tornaram-se um recurso material para a técnica de construção de imagens:



A instrução é que expresse com tecidos o que sente, pensa e crê que lhe ocorre, ou simbolize algum termo ou conceito significativo que tenha utilizado. [...] é um procedimento similar à construção de imagens com pessoas. A grande diferença é que com tecidos, por não terem forma definida, o protagonista elabora internamente uma forma e expressa seus conteúdos internos. Formas que, em geral, são simbólicas e, por isso, permitem nos aproximar do conhecimento da capacidade de abstração e dos processos criativos do paciente (idem, p. 176).

O material a ser utilizado são tecidos de cores variadas, desestruturados, lisos e bem leves, de forma que facilitem a construção de imagem bidimensional, evitando assim que seja utilizado o movimento da pinça dígito-polegar (HE), mas, sim, um movimento mais arcaico, de preensão (HD), que revele imagens mais primitivas (HD).

METODOLOGIA

Para este estudo, foram escolhidos três casos e uma imagem de cada caso foi selecionada. Os nomes utilizados são todos fictícios e os dados serão tratados de forma anônima e confidencial.

A técnica de construção de imagens com tecidos foi utilizada em psicodrama bipessoal com púberes e suas imagens fotografadas algumas vezes por mim, outras pelo próprio paciente e tiveram a devida autorização dos responsáveis para sua publicação.

Este trabalho não tem por objetivo descrever os casos nem aprofundar os resultados obtidos no processo de cada paciente, mas, sim, abordar a utilização da técnica com a clientela na puberdade.

CASOS CLÍNICOS

Esmeralda: 10 anos, 5ª série, em processo de psicoterapia há seis meses, refere à angústia da rápida e brusca mudança corporal advinda da puberdade precoce.

A construção da imagem possibilitou a Esmeralda perceber quão distorcida era a percepção sobre seu corpo (sensopercepção) e a falar

NOTA:

3. Hemisfério esquerdo, em espanhol, hemisferio izquierdo (HI).





sobre a angústia e a tristeza que carregava por sentir-se diferente das demais colegas e a relação direta com comportamentos impulsivos e agressivos que permeavam as relações com seus pares.





Jade: 11 anos, 6^a série, iniciou a psicoterapia depois de um episódio de bullying. Seu processo psicoterápico foi vivenciado de forma intensa e comprometida. Conseguiu compreender aspectos subjetivos, que dizem respeito ao funcionamento do seu mundo interno e, assim, foi possível redimensionar seus papéis sociais. Também aprendeu a defender-se e posicionar-se diante dos grupos em que estava inserida.

Após perceber que seu processo psicoterapêutico havia chegado ao fim (naquele momento de vida), após algumas sessões nas quais foi discutido esse tema (a alta), solicitei que fizesse a imagem do começo, do meio e do fim do processo de psicoterapia. Jade mostrou em imagens sua evolução desde o início até o momento em que se encontrava. Revelou ter clareza de seu funcionamento, das saídas criativas que havia encontrado para as situações conflitivas e, assim, sintetizando seu processo, pôs um ponto final nestas, sentindo-se pronta para experimentar os desafios da sua vida.



Safira: 11 anos, 5ª série, foi encaminhada para psicoterapia pela psicanalista de sua mãe. Apresentava um quadro de ansiedade de separação desde quando se mudou para uma grande escola, comparativamente muito maior que a escola em que havia estudado desde o maternal, era uma pequena escola na rua em que morava e que reproduzia o mesmo modelo protetor da família, em especial da sua relação com a mãe.

Ao deparar-se com a realidade da 5ª série dessa nova escola, maior e distante de sua casa, eclodiu um quadro de ansiedade de separação e foi necessária, inclusive, a intervenção com a escola. Em dado momento do tratamento, Safira, em processo de descoberta da autonomia, representou através de imagens com tecidos a relação com sua mãe, pois, à proporção que ia adquirindo independência desta, conflitos relacionais foram se instalando de forma que, ao construir a imagem “de antes” de iniciar a psicoterapia e do momento em que estava, pôde se dar conta do seu processo de independentização e das relações conflituosas com sua mãe diante dessa nova forma de relação, fruto deste processo.



Nesta imagem, ambas as figuras unidas por um único tecido para representar o braço das duas. Na segunda imagem, abaixo, aparecem separadas lado a lado.



Da esquerda para a direita: Safira e a mãe.

CONSIDERAÇÕES

Tendo em conta o universo de transformações cognitivas, biológicas, sociais e afetivas da puberdade, que anuncia a chegada da adolescência, o distanciamento do universo infantil vai marcando uma nova época: o jogo de faz de conta e os jogos de tabuleiro não mais interessam. Observa-se também que a utilização da dramatização em psicodrama bipessoal pode ser um fator de inibição, pois o corpo torna-se uma zona de tensão. Os fatores desta etapa do desenvolvimento colocam o psicodramatista diante de um limite na intervenção na clínica com púberes: como intervir?

A técnica de construção de imagens com tecidos foi utilizada como recurso interventivo e tornou-se possível em virtude da capacidade de raciocínio abstrato, de simbolização, interpretação e capacidade associativa que se desenvolvem na puberdade.

A utilização dos tecidos como Objeto Intraintermediário oferece pouco envolvimento corporal e produz um campo relaxado para a expressão de sentimentos, pensamentos e questões do seu mundo interno. Através da imagem construída fora do corpo, a metáfora do discurso ganha sentido produzindo significativos resultados no processo psicoterápico.



Uma questão se levanta: será que a técnica pode ser considerada um recurso interventivo para a psicoterapia psicodramática na puberdade? Tendo em conta essa pergunta, considerações importantes devem ser observadas:

- Embora a puberdade seja marcada pelas mudanças biológicas e pelas competências cognitivas novas, a singularidade de cada sujeito deve servir de base para decidir pelo uso da técnica. Um cliente em estado de alarme, com o si mesmo dilatado estará impossibilitado de voltar sua atenção para a área mente.
- Vale ressaltar que, tanto a puberdade quanto a adolescência embora estejam relacionadas com transformações biológicas, seus contornos também são definidos pela cultura.
- É necessário considerar que o fenômeno da puberdade precoce não é prenúncio da adolescência propriamente.

O psicodramatista necessita ter conhecimentos do desenvolvimento biopsicossocial dessa clientela, a fim de que possa avaliar a condição do seu cliente para a utilização dessa técnica.

CONCLUSÃO

Embora a técnica tenha se mostrado favorável ao uso com adultos e Bermúdez não refere à sua aplicabilidade com clientes na puberdade, esse recurso foi utilizado como meio de intervenção e seus resultados favoreceram aos protagonistas a elaboração de conteúdos psíquicos e a reorganização destes. Apesar de a técnica ter sido utilizada sem seguir literalmente o protocolo da aplicação, ou seja, sem a solicitação para que fossem produzidas imagens corporais equivalentes, o uso do raciocínio associativo sobre estas, o pensamento hipotético-dedutivo levaram os clientes à re-aferência da imagem e à conseqüente compreensão de seus conteúdos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERMÚDEZ, R. J. **Teoría y técnica psicodramáticas**, Barcelona: Paidós, 1997.
- _____. Images in psychodrama supervision. In: FONTAINE P. (org.). **Psychodrama training: an European view**. Leuven: FEPTO Publications, 1999.
- CASTRO, R. F.; DRUMOND, L.; QUEIROZ, J. L. **Puberdade precoce secundária – hipotireoidismo primário** relato de caso. *Print version* ISSN 0004-2730. Disponível em: <<http://search.scielo.org/?q=puberdade%20hipotireoidismo&where=ORG>>.
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. versão 1.0; Copyright 2009; Instituto Antônio Houaiss: editora Objetiva, junho 2009.
- FLEURY, H. et al (orgs.). **Psicodrama e neurociência: contribuições para a mudança terapêutica**. São Paulo: Ágora, 2008.
- LEVISKY, D. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo: 1998.
- MOYANO, G. Imágenes sicodramáticas. In: FONSECA E. **Lecciones de sicodrama**. Las Palmas de G. Canaria (España): Ed. Hamalgama, 2005.
- _____. **Adolescencia Tardía**. Dificuldades en el Proceso de Independentización. Presentado en XI Reunión de la ASSG, em 1º a 2 abril de 2006.
- PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- TIBA, I. **Puberdade e adolescência**, São Paulo: Ágora, 1986.

Recebido: 16/08/2012
Aceito: 31/08/2012

Rosana Maria de Sousa Rebouças
Rua Altino Serbeto de Barros, 173,
Ed. Atlantis Multiempresarial, sala 305 – Itaigara
CEP 41830492 Salvador, BA
roreboucas@hotmail.com

